



## **Repórter fotográfico *in Loco*: relato de experiência sobre a prática do fotojornalismo no Jornal de Hoje <sup>1</sup>**

Kamyla Álvares PINTO <sup>2</sup>

Itamar de Moraes NOBRE<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte -UFRN, Natal, RN

### **Resumo**

Este artigo consiste em um relato de experiência sobre a visita realizada pela discente do Curso de Jornalismo ao Jornal de Hoje, com o propósito de analisar a atividade do repórter fotográfico bem como entender o diálogo produzido em sala de aula na disciplina de fotojornalismo. A atividade do repórter fotográfico, no periódico potiguar, foi acompanhada *in loco* e, por isso, recorreu-se a observação, que consistiu no “ouvir, olhar e perceber” o trabalho do repórter, além da entrevista, do registro fotográfico e da pesquisa bibliográfica. Percebemos aspectos relevantes que suscitam discussões sobre o fotojornalismo na era digital, na qual a sociedade passa a se relacionar de forma diferente com a imagem fotográfica.

**Palavras-chave:** Fotojornalismo. Jornal. Repórter Fotográfico.

### **Introdução**

O uso da fotografia pelos jornais diários data de 1904. ((BAYNES apud SOUZA, P.17). Foi o jornal inglês, Daily Mirror que, pela primeira vez, recorria a foto para legitimizar e credibilizar o texto jornalístico. A máquina fotográfica era o invento capaz de reproduzir o mundo real, sendo a fotografia a prova e a verdade. Nessa perspectiva, foram muitos que a consideraram como espelho do real, o que contribuiu

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 4 – Comunicação Audiovisual, do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 2 a 6 de setembro de 2011.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 4º semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Email: [kamyla.alvares@hotmail.com](mailto:kamyla.alvares@hotmail.com)

<sup>3</sup> Professor Doutor do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM), da UFRN. Pesquisador do Grupo de Pesquisa PRAGMA - Pragmática da Comunicação e da Mídia: teorias, linguagens, indústria cultural e cidadania. Integrante do Grupo de Estudos BOA-VENTURA - CCHLA/UFRN, em convênio com a Universidade de Coimbra-Portugal. Membro do Núcleo de Pesquisa: Fotografia, da INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Membro da REDE FOLKCOM – Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação. E-mail: itanobre@gmail.com.



na concepção da teoria do espelho para explicar a atividade jornalística. Para Traquina (2005), a noção-chave da teoria é que o jornalista é um comunicador desinteressado.

Hoje se sabe que, embora a invenção e a mentira sejam práticas contrárias aos aspectos deontológicos tanto do jornalismo como do fotojornalismo, o mito da objetividade não se aplica aos campos, pois que entre o fato e a notícia existe a mediação de um repórter condicionado por sua formação cultural e a linha editorial do veículo de comunicação.

Transmitir a informação ao público, todavia, continua a ser o compromisso social do jornalismo e dos profissionais que atuam nesse campo. É o caso do repórter fotográfico, cuja responsabilidade é fazer com que a fotografia informe, pois o fotojornalismo consiste na “atividade singular que usa a fotografia como um veículo de observação, de informação, de análise e opinião sobre a vida humana e as conseqüências que ela trás ao Planeta”. (SOUSA, 2002, p.5)

O presente relato de experiência tem a finalidade de resgatar e compartilhar as percepções sobre a prática do fotojornalismo decorrentes da visita realizada ao Jornal de Hoje, em outubro de 2010, para acompanhar in loco o repórter fotográfico. Consideramos que é de interesse aos estudantes de Comunicação Social compreender como se comporta o fotojornalismo na prática, principalmente diante das transformações que vivenciamos na contemporaneidade com a popularização das câmeras digitais; dos softwares de tratamento e/ou manipulação da imagem; na forma como a sociedade se relaciona com a fotografia no que tange a percepção e a prática; e também diante das exigências do mercado que espera do profissional da comunicação a capacidade de domínio das técnicas e linguagens de diferentes meios.

## **Metodologia**

A proposta foi realizarmos uma visita ao Jornal de Hoje para acompanharmos o repórter fotográfico e observarmos como ele se comportava na execução da pauta jornalística em relação a abordagem ao referente da notícia, a postura do fotógrafo, os ângulos escolhidos e os enquadramentos. Além disso, notamos quais os procedimentos adotados na edição das fotografias e o resultado final na edição do dia seguinte.

A experiência que relatamos é resultado, primeiro, da observação, “processo empírico por intermédio do qual usamos a totalidade dos nossos sentidos para reconhecer e registrar eventos factuais” (VIANNA, 2007, p. 14). E, depois, no relato



descritivo da ação observada. O registro dos dados foi adotado para facilitar a análise posterior subsidiada pela pesquisa bibliográfica. Além disso, realizamos entrevista aberta com o repórter fotográfico e o registro fotográfico da visita.

A visita foi empreendida em outubro de 2010, no período vespertino de funcionamento do periódico potiguar, que compreendeu o horário das 13h30m às 17h. Durante a tarde, o jornal conta com três repórteres que assumem tanto a função de repórter de texto como fotográfico, pois não possui um profissional designado apenas à fotografia nesse horário. Fomos a campo e analisamos a atuação dele ao longo da apuração de duas pautas.

A primeira pauta consistia em uma entrevista com o superintendente da Companhia Brasileira de Transportes Urbanos (CBTU), de modo a compreender os problemas enfrentados pelo sistema ferroviário, uma vez que no dia anterior havia ocorrido um suicídio na linha do trem e a população alegava que não era possível escutar o apito do trem e que não havia cancelas suficientes que indicassem a passagem do trem. Nessa pauta, a intenção era fotografar algum problema do sistema ferroviário, mas devido à ausência de um dos carros do jornal, essa idéia foi refutada e a repórter se restringiria a fotografar o entrevistado.

A segunda pauta era sobre o I Congresso Internacional de Ciência Ética e Educação Integrada, o objetivo era entrevistar a presidente do congresso, no entanto a assessora do evento concederia a entrevista por telefone devido a não disponibilidade da presidente. A pauta era resultado do release enviado pela assessoria de Imprensa do Congresso que tinha como objetivo noticiar o evento que começaria no dia seguinte. Nessa pauta, a intenção era fotografar o entrevistado como forma de credibilizar o texto.

A experiência de acompanhar o fotojornalista e observá-lo em campo possibilita a construção conjunta do saber, resultado da comunicação entre os discentes com sua vivência acadêmica e o repórter fotográfico com sua vivência profissional, além da reflexão sob a prática profissional, visto que recebemos formação técnica, e sob a teoria, pois os conceitos apreendidos podem ser revistos e compreendidos.

## **Resultados e Análises**

Acompanhamos o repórter fotográfico no Jornal de Hoje da pauta a edição da fotografia. O periódico não trabalha com pauta jornalística escrita, sendo responsabilidade do jornalista trazer um assunto que possa ser pauta. Essa é uma



tendência nova que pode ser atribuída à diminuição de funções no jornalismo impresso devido a sua crise diante da ascensão do meio digital. Talvez contraditoriamente, a ausência da pauta possa ser vista de forma positiva, pois segundo Rossi (2007), de instrumento orientador a pauta passou a representar uma limitação ao trabalho jornalístico. Isso pode ser reportado tanto ao ofício do repórter de texto como ao repórter fotográfico. Na visita empreendida, acompanhamos a realização de duas pautas e nos detivemos a apuração fotográfica.



**Figura 1** Redação do Jornal de Hoje (Fonte: Kamyla Álvares)

“A fotografia jornalística mostra, revela, expõe, denuncia, opina e, com isso, passa uma informação que auxilia a credibilizar a informação textual. Nesse sentido, Sousa (2002) afirma que quando se fala de fotojornalismo não falamos apenas de fotografia, pois para informar, o fotojornalismo concilia fotografias e textos. Diante dessa acepção, evidenciamos dois profissionais: o repórter fotográfico que trabalha acompanhado do repórter do texto e o repórter que assume as duas responsabilidades: fotografar e escrever.

A repórter que acompanhamos se enquadra na segunda definição, uma vez que assume tanto as funções do repórter de texto como fotográfico. A profissional que não possui formação na área de fotografia utilizou uma Cyber-Shot da Sony com resolução de até 12.1 mega pixels. Esse equipamento é amador e, por isso, fácil de manusear, no entanto não exhibe todas as funções que uma câmera fotográfica profissional ou até as

semi profissionais podem apresentar como controle do foco, do diafragma e velocidade do obturador. Na máquina amadora, a maioria das funções é automática e o alcance é pequeno.

Notamos que a repórter utilizou o modo de ajuste automático, simbolizado pelo em todas as fotografias realizadas. Ela declarou que também recorre às funções pré-definidas disponíveis, as quais permitem a correção das cores em função da luz utilizada<sup>4</sup>. Essas opções de balanço de branco são indicadas por símbolos, os quais geralmente referem-se à luz solar, tempo nublado, sombra, luz incandescente, luz fluorescente e flash. A repórter declarou também que guarda maior preocupação com a contraluz, ou seja, a luz que se encontra atrás do referente e incide diretamente na câmera fotográfica. Essa iluminação transforma o objeto fotografado em silhueta e, por isso, se essa não constituir a intenção do fotógrafo é um aspecto que deve ser observado<sup>5</sup>.

As dificuldades para executar simultaneamente as duas funções, – repórter de texto e fotográfico, foram perceptíveis, principalmente, diante do tempo despendido para a fotografia, o qual foi bastante inferior ao destinado a apuração do texto, a postura da repórter para realizar a fotografia e o desconforto demonstrado pelos entrevistados. Segundo a repórter, conciliar as duas responsabilidades é um desafio e o texto continua a ser sua primeira preocupação.



**Figura 2 A repórter fotografando o superintendente (Fonte: Kamyla Álvares)**

<sup>4</sup> Apontamentos realizados na Disciplina de Fotojornalismo.

<sup>5</sup> Apontamentos realizados na Disciplina de Fotojornalismo.



**Figura 3 A repórter fotografando a presidente do Congresso (Fonte: Kamyla Álvares)**

Diante da pouca afinidade da repórter do Jornal de Hoje com a fotografia, compartilhamos e tomamos a proposição de Sousa (2002) de que o domínio das linguagens, técnicas e equipamentos fotojornalísticos é uma mais-valia para qualquer profissional da área de Comunicação. Fotografar com uma máquina digital amadora no modo automático reduz as possibilidades de se aprender a fazer a fotografia, pois a utilização do modo manual promove uma maior interação entre o fotógrafo e o equipamento e, por consequência, com os aspectos técnicos da fotografia.

Os entrevistados demonstraram desconforto no momento em que a repórter substituiu a caneta e o bloco de papel pela câmera digital. Observamos duas reações contrárias: o primeiro entrevistado parou de responder a pergunta e olhou para a câmera; a segunda entrevistada alegou que não gostaria de ser fotografada, pois estava muito cansada. No início do séc. XX,

quando o fotógrafo entrava em algum local para fotografar as pessoas que ali estavam, estas paravam o que estavam fazendo, olhavam para a câmera e posavam. Atualmente, as convenções fotojornalísticas atuais dão mais valor ao espontâneo e instantâneo que se adequam mais ao discurso jornalístico. (HICKS apud SOUSA, 2000 p.8)

A espontaneidade e a naturalidade dos instantâneos, que compõem a perspectiva atual do fotojornalismo, não foi identificada nas fotos realizadas pela repórter. Percebemos que talvez fosse diferente em uma situação na qual houvesse um profissional designado apenas à



fotografia, visto que ele iria fotografar ao longo da realização da entrevista e, provavelmente, o referente estaria agindo com naturalidade esperada.



**Figura 2** Uma das fotografias da repórter na 1º pauta (Fonte: Márcia Gardênia)



**Figura 5** Uma das fotografias da repórter na 2º pauta (Fonte: Márcia Gardênia)

As fotografias acima revelam que as perspectivas do século passado em relação á fotografia ainda persistem, ambos os entrevistados posaram para a foto. No entanto, também acreditamos que novas práticas sociais passam a compor a relação do homem com sua imagem, uma vez que a entrevistada pediu para checar a fotografia, o que antes



não era possível com as máquinas analógicas e, surpreendentemente, apagou três fotografias da repórter. O último episódio suscita discussões sobre o limite da relação entre o repórter fotográfico e o referente, sobretudo, acerca do comportamento do repórter na era digital.

Com a popularização da câmera digital, a sociedade passou a se relacionar de forma diferente com a fotografia, o que não exclui que antigos hábitos ainda persistam. A câmera digital se incorporou a vida as pessoas e como exemplo observamos o conteúdo particular nas mídias sociais serem atualizados diariamente com imagens. A era digital possibilitou a visualização automática da fotografia no momento da captura e ainda a possibilidade de exclusão da foto. Além disso, “trouxeram ao fotojornalismo grandes potencialidades no que respeita à velocidade, à maneabilidade e à utilização da fotografia em diferentes meios e contextos.” (SOUSA, 2002, p.) É esse o contexto em que o repórter fotográfico está inserido e no qual precisa aprender a valorizar o seu trabalho.

Outra preocupação inerente ao fotojornalismo digital é a alteração das imagens, prática muito ocorrente diante das possibilidades que os softwares de tratamento oferecem. Nessa perspectiva, segundo Almeida e Boni (2006), é necessário discutir a diferença entre tratamento e manipulação das imagens fotográficas, visto que os dois conceitos são confundidos com frequência.

O tratamento de uma fotografia constitui na melhora da qualidade de sua imagem. É o uso da tecnologia disponível para clarear pontos escuros, ressaltar a luz e até alterar a saturação das cores, tornando-as mais fortes ou esmaecidas, dependendo do que se quer transmitir. (ALMEIDA; BONI, 2006, p. 16)

Destarte não existe a alteração no conteúdo da fotografia, a qual continua a transmitir a mesma informação. Já na manipulação, “no caso específico do fotojornalismo - existe interferência na realidade dos fatos. Elementos podem ser acrescentados ou excluídos, dependendo da intenção de quem a manipula”. (ALMEIDA; BONI, 2006, p.18) Nessa perspectiva, a realidade é transformada e o jornalismo perde sua função do retrato da verdade dos fatos.

A edição acompanhada No Jornal de Hoje se enquadra mais na do tratamento da imagem fotográfica, pois os editores, geralmente, transformam a fotografia em preto e branco quando a página do jornal é p&b ou fazem o clareamento da foto caso seja





necessário. Ademais, existe a preocupação em executar o corte da fotografia para ela corresponder ao tamanho reservado pela diagramação, essa última medida é relevante para que não haja uma alteração nas dimensões da foto e, assim, possíveis distorções.

### **Considerações Finais**

Através da experiência relatada tivemos a oportunidade de refletir sobre a prática do fotojornalismo e de compreender que essa vivência pode revelar fragilidades e, por consequência, reflexões sobre a configuração da atividade. Pudemos ir além do que foi aprendido em sala de aula e traçar paralelos entre a teoria e a prática, ao adotarmos uma postura analítica e crítica sobre os fatos e ações observados. Constatamos que o mercado na área do jornalismo espera que o profissional possa assumir diversas funções com pauta, texto e fotografia. Ao mesmo tempo em que ele precisa valorizar de forma ética o ofício dele diante das mudanças enfrentadas pelo fotojornalismo na era digital.

Além disso, a experiência evidenciou que é relevante o conhecimento do fotojornalismo aos comunicadores sociais, tanto nas disciplinas acadêmicas que se voltem ao aprendizado dessa área, como ao reconhecimento da importância da imagem fotográfica que não deve ser colocada em segundo plano, mas como instrumento imprescindível a prática jornalística.

### **Referências**

ALMEIDA, Cláudia Maria Teixeira; BONI, Paulo César. **A ética no fotojornalismo da era digital**. *Discursos fotográficos*, v.2, n.2, p. 11-42, 2006. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1477/1223>>.

Acesso em: 30 de outubro de 2010.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó:Grifos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo**: Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Porto: Universidade Fernando Pessoa. 2002.



TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. 2. Ed. Florianópolis: Insular, 2005. V.1.

VIANNA, Heraldo M. **Pesquisa em Educação**: a observação. Brasília: Líber Livro, 2007.